

4 • O PAÍS

Xapuri esquece Chico Mendes e é esquecida também

EDSON LUIZ

XAPURI, AC — Três anos após a morte de Chico Mendes, a violência diminuiu no Acre, fala-se cada vez mais em ecologia no Mundo inteiro, mas os seringais estão falidos e os trabalhadores que o sindicalista defendeu até a morte hoje vendem picolés nas ruas da decadente Xapuri. Chico Mendes foi assassinado no dia 22 de dezembro de 1988, com um tiro de espingarda no peito, pelo fazendeiro Darci Alves Pereira, a mando de seu pai, Darli Alves da Silva — ambos na cadeia.

Os conflitos de terra foram reduzidos e as ameaças de morte aos líderes dos seringueiros já não são tão frequentes. Já os liderados, sem condições de sobreviver com o que a floresta tem para dar, incham as cidades. Em Xapuri, com suas ruas calçadas de tijolos, ainda há os carros de bois contrastando com os automóveis e um grande número de vendedores de picolés e garis que largaram os seringais.

A falência dos seringais de Xapuri e de todo o Acre é debitada à falta de uma política de preço e comercialização para a borracha, que não acompanha a inflação amazônica. A viúva de Chico Mendes, Ilzamar Gadelha Mendes, culpa as lideranças:

— Os seringueiros não têm apoio. O movimento hoje é de escritório — critica Ilzamar, que se distanciou das entidades que compõem o movimento: o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (dirigido por Chico Mendes até sua morte), o Conselho Nacional de Seringueiros e o Centro de Trabalhadores da Amazônia, que acusa de serem dirigidas por pessoas sem identificação com os seringueiros.

O presidente do sindicato, Osmar Facundo, prefere não brigar com Ilzamar, mas atribui suas críticas ao fato de ter sido destituída, em outubro de 1989, da presidência da Fundação Chico Mendes. Até hoje, se arrasta no Tribunal de Justiça do Acre uma ação da viúva contra as entidades que formam o conselho deliberativo da fundação, que está com todos os seus recursos

bloqueados — em torno de Cr\$ 30 milhões há seis meses, já que esse dinheiro está aplicado.

A própria cidade, berço da revolução que, no início do século, tirou o Acre da Bolívia, e que foi muito rica no auge do ciclo da borracha, vive do passado. Muita gente que arriscou montar negócios à espera dos “dólares dos gringos” já desistiu.

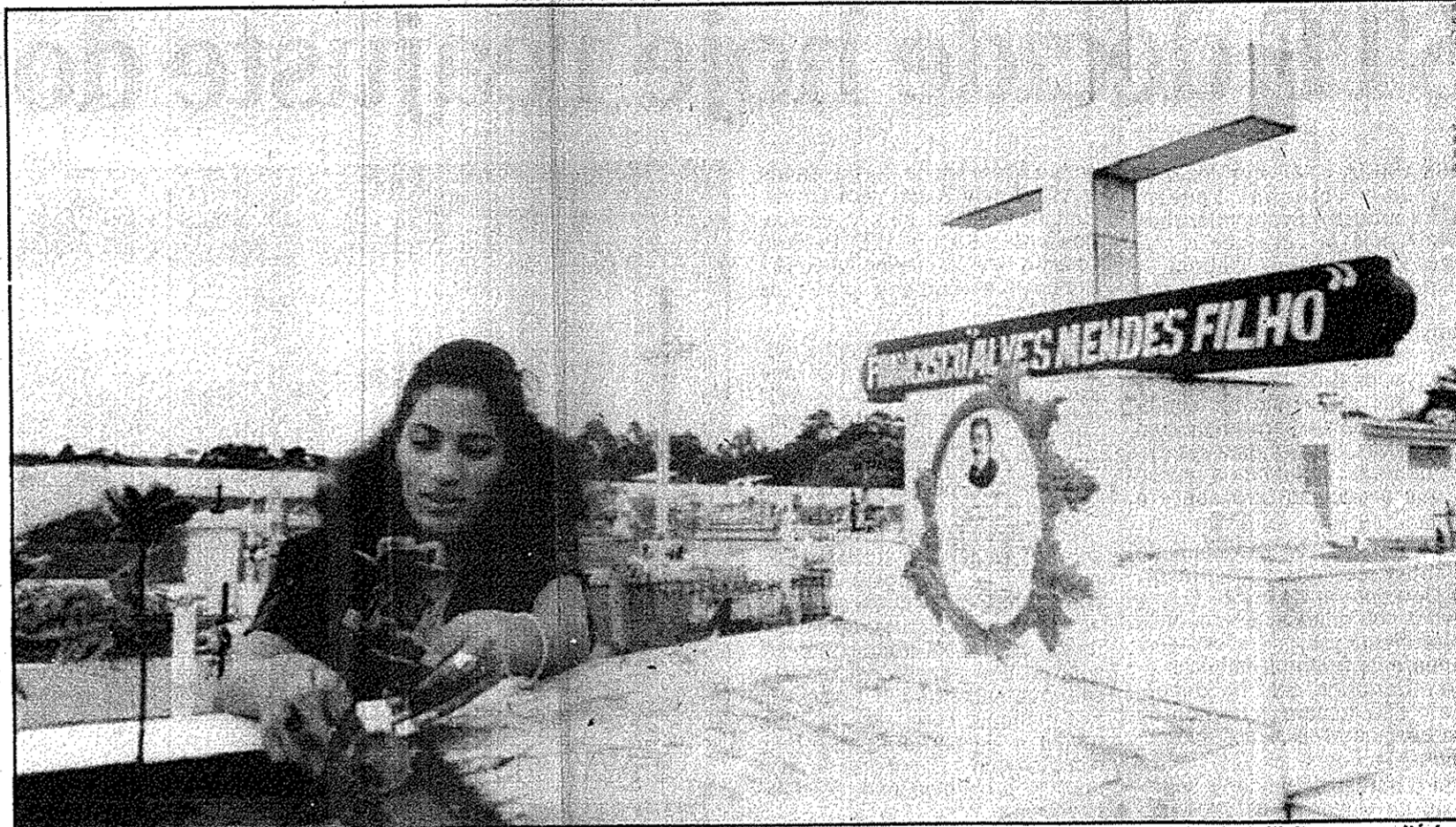
— Não sei nem qual a cor do dólar — resmunga Luis Morte, na cidade desde 1971.

Evilázio Batista de Souza, que arrendou o restaurante Floresta — construído por Ilzamar, com dinheiro de um filme sobre a vida de Chico — amarga prejuízos. A esperança dele era ter uma freguesia maior ontem.

O delegado Antônio Dimas Monteiro confirma que a violência diminuiu bastante. Ele só está às voltas com um inquérito, por arruaças praticadas por Darli Alves Filho, o Darlzinho, filho mais novo do mandante do crime. Dimas, de 25 anos, que é bem-falante e gosta de se vestir com elegância, reclama da falta de apoio do governo estadual. Ele tem, porém, a confiança de Ilzamar e de muitas lideranças de Xapuri, que não querem outro delegado. A delegacia fica quase em frente à Fundação Chico Mendes e é bom mesmo não haver mais tanta violência na cidade: Dimas comanda seis policiais que não estão mais na flor da idade e dispõem de uma metralhadora e um pente de bala para os seis.

A vida também corre normalmente para o juiz Adair José Lenguini, o mesmo do júri dos matadores de Chico Mendes. Na semana passada, por exemplo, ele condenou um primo de Chico a três anos de prisão, por tentativa de homicídio. Em suas mãos também está outro processo, que acusa o irmão do sindicalista, o soldado PM Francisco Mendes e Assis, pela morte do pistoleiro José de Araújo.

O filme sobre Chico, que seria rodado em Xapuri, não saiu até hoje, como chegou a ser anunciado. Nem a viúva Ilzamar, que detém os direitos de uso da imagem de Chico Mendes, sabe como está a questão.



A viúva Ilzamar junto ao túmulo de Chico Mendes, em Xapuri, três anos depois do crime, critica o movimento dos seringueiros “felto em escritórios”

Ilzamar nega ser ‘a mulher dos dólares’

Decisão judicial é motivo para briga de viúvas

XAPURI — Ilzamar, hoje casada com o vereador Júlio Nicácio, vive do aluguel de uma casa e do salário do marido — renda mensal de Cr\$ 100 mil — e critica os atuais líderes seringueiros e reage à acusação feita por ex-companheiros de Chico, que a chamam de “a mulher dos dólares”.

— Não sou eu que fico, 24 horas por dia, acompanhando “gringos” — responde.

Ilzamar diz que hoje quer mesmo é cuidar de suas galinhas e porcos, que tem num sítio que comprou perto de Xapuri. O deslumbramento do tempo em que aparecia em revistas estrangeiras e jantava com Robert Redford e Sônia Braga, terminou. A vida hoje é simples em sua casa, quase no centro da cidade, onde vive com os dois filhos, faz a comida e anda de pé no chão.

Na casa onde ela viveu com



Eunice: beneficiada por sentença

Chico Mendes fica agora a fundação, mantida por ela. Parte do dinheiro ganho com o filme sobre seu marido — não diz quanto — estava bloqueada pelo plano Collor. O pouco que conseguiu liberar vai empregar no sítio e usar para comprar um carro. Nem tudo é tranquilo para ela. Na semana passada, recebeu dois telefonemas com ameaças de morte.

A três horas de viagem de

barco do lugar onde ela mora, vive Eunice Feitosa de Menezes, primeira mulher de Chico Mendes, de quem separou há 20 anos, e que conseguiu recentemente, através da Justiça, a restauração de seu casamento com o sindicalista, que viveu oito anos com Ilzamar. Eunice é casada com o seringueiro Antônio Cabral, de 43 anos, com quem teve cinco filhos, e segundo Ilzamar recebeu parte dos direitos do filme, que seriam US\$ 20 mil. Eunice afirma ter recebido Cr\$ 20 mil.

Eunice ainda não sabia da decisão judicial:

— Ninguém me diz nada. Só sei que, algum tempo atrás, assinei um monte de documentos para um advogado, sem mesmo saber o que era.

Ilzamar recorreu da sentença e Antônio Cabral diz que não quer se meter na briga das viúvas (“Deixo que elas se entendam”), que começou após a assinatura do contrato do filme com a JN Filmes, produtora que detém os direitos. Ilzamar fez um acordo — contestado na Justiça — com Eunice.

Soldados da borracha bateram em retirada

XAPURI — No seringal Vale Quem Tem, a três dias de barco de Xapuri, um seringueiro tinha que dar seis quilos de borracha para comprar uma lata de óleo. O quilo, pela tabela, custa Cr\$ 794. Para ter o querosene, essencial para um morador da floresta, o freguês tem que oferecer cinco quilos de borracha.

Esse é um dos motivos pelos quais milhares de seringueiros estão deixando as matas pelas cidades. A falta de um preço compensador para a borracha, o isolamento e da falta de assistência do governo estão inchando a periferia das cidades e esvaziando a área rural.

O ex-soldado da borracha (colonizador do Acre) José Severino Porfírio, de 77 anos, é um exemplo: ele chegou ao antigo território com a intenção de enriquecer rapidamente com o látex, cortou seringueiras a vida toda e hoje mora de favor.

Vender picolés foi a saída de Raimundo Vieira, que há um ano largou o seringal São Cristovão. Mesmo produzindo mensalmente até 250 quilos de borracha, Raimundo vivia sempre devendo ao marreteiro, que comprava sua produção e lhe vendia os alimentos.